

Olhando para a ossada de um moleque, o segundo livro de Gabriel Sânpêra¹

Rafael Amorim²

“abandonar a modéstia
sentar no trono de ossos
hastear a preta bandeira de seda
fornicar meus nomes com a história”
Matheusa dos Santos

Quando o moleque olha por muito tempo para a ossada, a ossada olha de volta para dentro do moleque. Ou é assim que parece começar a escrita do segundo livro de Gabriel Sânpêra: *A ossada de um moleque*, lançado neste 2021 pela Editora Oríkì e inspirado num álbum de família de sua bisavó. O livro-oferenda que Gabriel entrega, tem as marcas de uma escrita da observação atenta, das notas que redesenham a linha do tempo daqueles e daquelas que vieram antes dele, dos eus ficcionais, de quem se avizinha a ele (da professora que o pergunta o que quer ser quando crescer ao filho da patroa da mãe). Um livro a transfigurar em literatura suas memórias sob diferentes carapaças.

No conjunto de contos e poesias presentes em *A ossada de um moleque*, como já sugere o título, a escrita passa por um processo de adentrar na memória como um corpo de carne e osso. Sem compactuar com nenhuma violência para com esse processo, Gabriel pede licença com alguma delicadeza e muita propriedade de um contador de histórias para avizinhar-se dessa ossada – que não é o resto de algo, mas parte do todo.

Ele retrata pessoas, lugares, situações, objetos, receitas e ditos populares para fincar seus pés “como pés de plantação”. Os mesmos pés que levam adiante seu corpo carregado de histórias. Um corpo que carrega em si o próprio álbum de família, na pele e na carne.

¹ Gabriel Sânpêra, 1997, vive em São Paulo, é poeta e nasceu no interior do Rio de Janeiro, na cidade de Barra Mansa. Teve poesias selecionadas para a Antologia Internacional Best “New” African Poets (African Books Collective, 2017), no Zimbábue e é autor de “Fora da Cafua” (Urutau, 2018), seu livro de estreia. Vem escrevendo sobre pessoas negras no ambiente cotidiano, com suas vivências e bagagens, corpos negros femininos, masculinos, LGBTQIA+ e religiosos em diáspora.

² Rafael Amorim, em letras minúsculas, é escritor-poeta, interessado na iconografia suburbana e na relação entre as artes visuais e a escrita letrada. Mestrando no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia (UFBA) na linha de Processos de criação artística, graduou-se em Artes Visuais/Escultura na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA – UFRJ) e celebra a vida dos seus e das suas. amorimrafael.belasartes@gmail.com

Assim leio Gabriel: como um autor de arquivos vivos, empenhado num comprometimento de celebrar a vida sob a forma de um objeto com capa, contracapa e letras impressas sobre as páginas. Este arquivo vai se transformando à medida em que a leitura avança, numa sofisticada operação de dar continuidade ao álbum a partir da literatura.

Como o autorretrato de um eu poético de muitas faces, é construído um arquivo que sobrepõe histórias, que liga ancestralidades junto do tempo presente. Tudo o que não cabe ou que não está visível na foto, tem espaço na narrativa de Gabriel Sanpêra. Em seu conteúdo, recorrendo às palavras do artista e pesquisador Rodrigo Lopes, “um modo de guardar e organizar que é definido por quem o organiza e pela materialidade do que se é guardado.” (LOPES, 2020, p.5) Ao tratar e guardar a materialidade das palavras que carrega consigo, a mão de Gabriel marca na literatura os nomes que durante muito tempo foram deixados de fora dela. Celebração de um arquivo aberto para outras caligrafias.

Assim como para Rodrigo Lopes, o arquivo colocado por escrito no livro é resultado da preocupação do autor em “constatar a repetição dos ritos.” (Ibid. p.7) Junto do livro, Gabriel evidencia não só os laços sanguíneos que permitem dançam com os ritos, mas o enlaçar entre cosmologias envolvidas pelos “sons da igreja se sobrepondo à gritaria do Flamengo goleando, por cima do som de funk na competição de som do bairro a atropelar o forró de canto no botequim” e que dá indícios de uma narrativa cronológica, mas que não se prende a ela. Narrativa que é de onde se parte para adentrar reflexões que sobrepõem e deslocam, como num jogo, diferentes temporalidades e experiências. Neste sentido, A ossada de um moleque devolve ao mundo uma complexidade de histórias e cosmologias que são lugares reflexivos no que diz respeito à produção de artifícios para manter-se vivo, respondendo às armas do processo de colonização também da subjetividade.

Ah, Gabriel... aqui suspiro e tomo fôlego diante de tantas conexões que seu livro consegue propor. Neste parágrafo me dirijo diretamente a você. Tão necessário olhar para as ossadas e para o que expõe os corpos ao sol, até que sobre somente o esqueleto. Sua escrita-álbum é manejada para recontar histórias em que seu corpo não esteja em posição de servidão, como você mesmo escreve: “frente a frente com os que têm medo de gente manga com leite e acham que somos corpos-centavos”. Ela, a escrita, é sutil ao pretender o alimento e o revertério de quem intenta etiquetar corpos e experiências que crescem longe de um limitado e privilegiado campo de visão. Seu “existencialismo à beira da favela” mostra outras condições para corpos marginalizados, desfoca a lente e o filtro com que a periferia e as consequências das diásporas são narradas pela voz de quem colaborou com elas.

As vozes com as quais você narra re integram o anseio pela liberdade de personagens que tiveram a própria humanidade negada no decorrer da história ocidental. Sua escrita

segue comprometida em evidenciar um existencialismo de um corpo não branco “no olho do furacão”, narrado desde a infância pelo não entendimento do estado de separação de corpos que já nasceram do lado de lá das fronteiras: “nunca entendi, o quarto em que morávamos era uma mistura de sala de estar, cozinha e área de serviço”.

Sem medo de expor o próprio medo, o livro que Gabriel Sanpêra escreve, carrega consigo a memória da rua, a esquivia e o intenso trabalho de precisar ressignificar território e linguagem de uma única vez para manter-se de pé. E isso se dá também a partir da perspectiva de um repertório de vivências bichas que faz com que a construção deste arquivo seja um modo de reorganizar as palavras que chegam até ele. “Continuo a descer e uns ou outros notam minha presença. E logo “arrumam suas formas de demonstrar que notaram. Bicha, baitola, viado, arrombado. Cada um do seu modo”. Um corpo-arquivo que já nasce precisando realocar situações para que não seja a novidade no camburão escuro ou adentrar o matagal. Tenho medo de ser a novidade na cama do dono de tudo, disso eu tenho medo.

O medo, no entanto, é absorvido à capacidade que A ossada de um moleque tem de descolonizar o panteão das sensações de um corpo. Uma celebração que se vale da criação de arquivos para tornar legítima a aprendizagem dos banhos de folhas, das receitas de angu, dos álbuns de família preenchidos com sorrisos e festas de aniversário. Por isso, seguro a mão de Gabriel Sanpêra e a entrego à matheusa dos santos, que em seu poema honoris causa, anuncia: “para minhas amigas e amigos/eu sou a nova grande coisa/que vai acontecer no brasil/é uma sensação engraçada.” (DOS SANTOS, 2021, p.5) Numa bonita menção às formas de manter-se viva e de celebrar a vida, matheusa encontra Gabriel ao trazer para a literatura seus manifestos de quintais e terreiros: “honoris causa jurar dedicar a vida/ a uma missão antes mesmo/ de entender qual é ela afinal.” (Idem) Gabriel completa, como a deixar um recado para aqueles que colocam sua existência no centro do alvo, ele será “a mais repetitiva novidade que seu corpo atravessará”. Ainda ecoando a voz de matheusa dos santos, a missão que Gabriel Sanpêra descortina em seu segundo livro é não deixar esquecer a perpetuação da vida que vibra, reconhecendo-se como a nova grande coisa acontecendo no brasil.

Referências

- SANPÊRA, Gabriel. A ossada de um moleque. Rio de Janeiro: Oríkì Editora, 2021. 100p.
- LOPES, Rodrigo. Para nunca esquecer. 2ª. Ed. – Fortaleza: LAC, 2020. 48p.
- DOS SANTOS, matheusa. a nova grande coisa acontecendo no brasil. Marabá, PA: publicado de maneira independente. 17p.